

SOJA

Muitos comem, mas não sabem

Tânia Tozzi*

QUANDO CONVERSAMOS com os cidadãos consumidores, deparamos com o fato de que poucos sabem sobre a representatividade da soja no seu dia a dia. Quando citamos o volume de produção e a importância do Brasil para o abastecimento global, recebemos o seguinte questionamento: "mas ninguém come soja. Para onde vai todo este grão?".

A resposta é até simples: "o senhor come carne bovina? Suína? Frango? Dá leite aos seus filhos e come ovos? Usa óleo para cozinhar? Então, o senhor é um grande consumidor de soja!". É justamente essa dependência, despercebida aos olhos dos leigos, que faz do complexo soja o grande motor da economia agrícola deste País.

O farelo fechou 2014 como a grande vedete dentre as *commodities* agrícolas. Na Bolsa de Chicago (CME Group), foi o único mercado a terminar o ano "no azul". Em dez anos, os preços desta *commodity* deram um salto de 126%, elevando o valor de 1 tonelada métrica de US$ 206 para US$ 466, um verdadeiro espanto.

E os números explicam bem a razão deste crescimento. A mudança de hábitos alimentares, sobretudo no continente asiático, o crescimento econômico e a melhora no poder aquisitivo da população dos países emergentes, no conjunto, fizeram o consumo de carnes e demais proteínas animais disparar em todo o mundo.

Com isso, o farelo ganha espaço. A safra recorde de soja, prevista em 314,37 milhões de toneladas na atual temporada 2014/15, deverá fornecer 199,5 milhões de toneladas de farelo ao mundo, para um consumo já previsto em 195,56 milhões de toneladas. Isso significa que sobrarão em estoques 11,14 milhões de toneladas, um novo recorde.

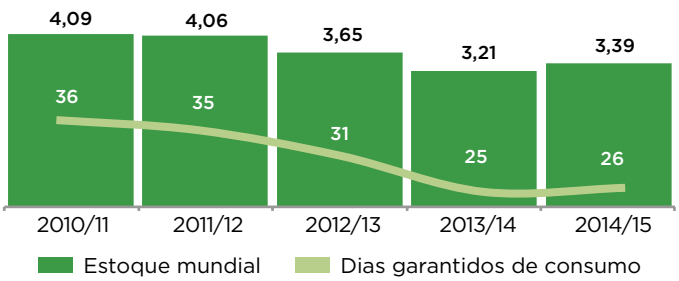
Mas, isso pouco importa! Os estrategistas de mercado precisam ficar atentos à equação entre esse volume e a "fome" do mundo. É isso que faz toda a diferença para o andamento dos preços. Os estoques mundiais de farelo mais do que dobraram nos últimos vinte anos. O detalhe é que os 5,11 milhões de toneladas registrados em 1995/96 garantiam vinte e um dias de consumo global, exatamente o mesmo que o previsto para 2014/15, apesar de uma sobra 118% superior.

No caso do óleo, a situação é ainda mais crítica. Mesmo tirando dos campos a maior produção de soja de todos os tempos, o mundo enfrentará, ao final da safra, o segundo maior arrocho de abastecimento em trinta e oito anos. Vinte anos atrás, as reservas globais desta *commodity* eram de 3,16 milhões de toneladas, o que dava respaldo a cinquenta e sete dias de consumo. Desde então, cresceram apenas 7,2%, e são previstos 3,39 milhões de toneladas em reserva, derrubando em 54,5% a capacidade de abastecimento do Planeta, garantindo apenas vinte e seis dias de consumo.

Não teremos dias fáceis pela frente, sobretudo se o Brasil colher a terceira safra recorde consecutiva e os produtores americanos aumentarem mais uma vez a área de cultivo, jogando no mercado, quem sabe, bem mais de 110 milhões de toneladas de soja. Levaremos mais dois ou três anos para esse mercado voltar a se estabilizar, ficando, até lá, totalmente nas mãos do dólar, que terá que seguir fortalecido frente ao real para evitar graves prejuízos aos produtores. Tudo isso, é claro, se essa fábrica a céu aberto não levar alguma bela rasteira do clima.

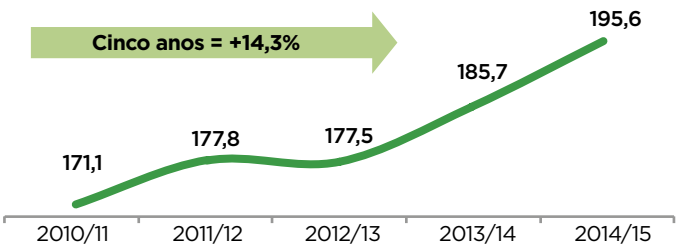
De qualquer forma, uma coisa é certa: a soja continuará sendo o melhor mercado para se investir neste País, com liquidez certa, balizamento internacional e menor nível de manipulação. ■

ESTOQUES MUNDIAIS DE ÓLEO DE SOJA (MILHÕES DE TONELADAS)



Fonte: USDA

CONSUMO MUNDIAL DE FARELO DE SOJA (MILHÕES DE TONELADAS)



Fonte: USDA

* Analista chefe da equipe de grãos e estrategista da Rural Business